



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2016

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

Tem agenda negra em Prudente/SP: 3 anos do nzinga afrobrasil

Ivonete Aparecida Alves*

Resumo: O objetivo desse artigo é narrar a trajetória do coletivo Nzinga Afrobrasil, grupo que se propôs a materializar a arte, a cultura e os processos educativos de várias etnias do continente africano e da diáspora africana no mundo, definindo e respeitando cada grupo étnico original para desvelar os processos de espoliação cultural a que foram e são submetidos os povos pretos. O grupo tem como proposta promover novos encontros com toda a cultura negra, levando em consideração cada processo na formação de agentes culturais, desde a infância. Esses encontros estabelecem o diálogo inevitável com os processos sociais, históricos e culturais desde a chegada dos primeiros negros no Brasil. A cultura indígena também é estudada pelo coletivo e sua releitura incorpora e é incorporada a novos elementos étnicos.

Palavras-chave: Nzinga Afrobrasil; Arte; Educação; Cultura.

Abstract: The objective of this article is to describe the trajectory of the collective Nzinga Afrobrasil, a group that set out to materialize the art, culture and educational processes of various ethnic groups of the African continent and the African diaspora in the world, defining and respecting each original ethnic group to unveil the processes of cultural spoliation to which black peoples have been subjected and subjected. The group aims to promote new encounters with all black culture, taking into account each process in the formation of cultural agents, from childhood. These meetings establish the inevitable dialogue with social, historical and cultural processes since the arrival of the first blacks in Brazil. The indigenous culture is also studied by the collective and its re-reading incorporates and is incorporated into new ethnic elements.

Keywords: Nzinga Afrobrasil; Art; Education; Culture.

Introdução

O objetivo desse artigo é narrar a trajetória do coletivo Nzinga Afrobrasil, grupo que se propôs a materializar a arte, a cultura e os processos educativos de várias etnias do continente africano e da diáspora africana no mundo. Para tanto, o coletivo tem buscado caminhos para definir e respeitar cada grupo étnico original para desvelar os processos de espoliação cultural a que foram e são submetidos os povos pretos; e propostas de novos encontros com toda a cultura negra, levando em consideração cada processo na formação de

* E-mail: ivoneteambiente@gmail.com

agentes culturais, desde a infância. O coletivo entende como inevitável o diálogo com a cultura negra desde a chegada dos primeiros negros no Brasil. A cultura indígena também é estudada e sua releitura incorpora e é incorporada a novos elementos étnicos.

Nosso coletivo nasceu em 2009 com o pedido insistente das crianças que desejavam fazer as máscaras étnicas quando eu trabalhava defronte minha casa, no bairro Cambuci, em Presidente Prudente, São Paulo. Duas semanas após os pedidos, consegui iniciar um processo de ensino para quatro crianças: como produzir a massa de papel-machê, base para a construção das máscaras étnicas. Na época eu me inspirava em uma Deusa da etnia Attie (Gabão e República Democrática do Congo) e também em um Velho Yorubá, com um penteado em forma de escultura.

Logo na segunda tarde (começávamos logo após as 16h00 horas – na saída das crianças da escola e no período da sombra do abacateiro), já havia por volta de 12 crianças; na semana seguinte 27, e aos poucos foi se apresentando o desafio de conseguir atender todas essas crianças numa calçada e também disponibilizar materiais necessários para o acabamento das peças, que necessitavam ser comprados. Desde o início de nossos trabalhos a comunidade prudentina também se mobilizou para colaborar com as atividades.

A arte, o papel-machê e as técnicas afrobrasileiras

A arte afrobrasileira entrou profundamente em minha vida pela mediação das peças fotografadas do Museu Afrobrasil (entidade estadual paulista que nasceu do sonho de vida do Emmanuel Araújo, sediada no portão 10 do Parque do Ibirapuera em São Paulo). O Museu publica catálogos de suas exposições com fotos e descrições das peças ritualísticas, seus países de origem; além de artistas contemporâneos que produzem a arte tradicional africana ou mesmo arte contemporânea. Foi com base nesses catálogos que iniciei uma busca nos *sites* e encontrei um enorme acervo de peças do “Museu de Arte Tribal Africana” da página <http://www.zyama.com>. Ainda frequentando *lan-houses*, copiei uma a uma as mais de 200 etnias com as peças do acervo virtual e, em casa, fui organizando letra a letra e fazendo a revisão textual dos escritos. Cada grupo étnico que eu escolhia para produzir ao menos uma máscara me surpreendia com a enormidade de rituais que faziam muito sentido na vida daquele grupo. Porém o sentido mais profundo dos rituais me escapava: sentia-me como uma discípula cuja griote partira antes do tempo: uma africana da diáspora, órfã de seu grupo.

Decidi então confeccionar as máscaras pelo conteúdo estético: uma escolha possivelmente feita por Picasso e seu amigo Georges Braque e também Raoul Dufy, André Derain, Juan Gris, Fernand Léger, Mechel Duchamp, Paul Klee, Amadeo Modigliani, Max Ernest, Henri Matisse e mais de 200 artistas ocidentais que, apaixonados pela arte dos povos pioneiros, foram colecionistas de obras ou traços. Uma preocupação sempre presente em meus trabalhos foi creditar a inspiração: fosse Attie, Yorubá, Makonde, Bijagó, Luba ou Fang. Eram tantas etnias, com peças tão lindas e especiais que optei por limitar a 80 as etnias que iria representar ao longo dessa vida, para diminuir a tensão e poder me dedicar um tempo ao estudo estético, enquanto trabalhava com as crianças para formar uma escola de arte.

O material para compor as máscaras já havia sido escolhido: o papel-machê¹. Em 2009 já havia desenvolvido várias técnicas de impermeabilização do papel-machê e confeccionado peças de alta complexidade com esse material, auxiliada pela papietagem².

Começamos usando o liquidificador de casa, depois usamos um grande tambor de plástico pisando o papel. Em maio já tínhamos máscaras para uma exposição, que aconteceu no quintal e muro de casa. Em 2010 financeiei um liquidificador industrial para facilitar e aumentar a produção de papel-machê.

O batizado do coletivo

Lendo sobre o continente africano, vários artigos falavam da Rainha Ginga, Nzinga, Zinga e tantos outros nomes. Pesquisei mais sobre sua história e anotei que foi no ano de 1582 quando Nzinga nasceu. De sua mãe quase nenhuma história ficou, mas Nzinga ou Rainha Ginga, como ficou conhecida, provocou muita aflição e chegou aos nossos dias como uma deusa, sendo revivida em muitas festas de coroação pelo Brasil: moçambique no sul; maracatu em várias regiões brasileiras, congado em Minas, Pernambuco e outros estados também...

Na época de seu nascimento, os europeus estavam na África para saquear o continente negro e Portugal tentava de todas as maneiras dominar o reino, onde hoje estão Angola e Matamba, para fazer escravos e trazê-los para trabalhar no Brasil. Os países do litoral africano, com as águas do mar acariciando a porção litorânea, buscavam cultivar mais o

¹ Papel-machê é uma massa feita com papel reaproveitado (jornais, revistas, embalagem de ovos, livros didáticos e folhas de sulfite, brancas ou recicladas). O papel fica de molho na água e depois é espremido, batido - no liquidificador caseiro ou industrial, pisado com pés, etc. O importante é deixá-lo moído. Retira-se o máximo de água possível e depois mistura-se a massa com uma cola. No início usamos cola comercial (que encarecia muito o custo da massa) e logo descobrimos um grude natural feito com polvilho azedo cosido na água.

² Papietagem é a técnica de usar jornais rasgados a mão, untados com grude e colados sobre uma superfície previamente preparada, de ser papelão ou uma forma qualquer que se queira reproduzir o formato aproximado.

interior de suas terras, para evitar os saques de produtos e de pessoas. No litoral produzia-se sal e peixe seco. Nzinga crescia aprendendo a lidar com as questões de seu reino e também com os estrangeiros que tentavam por todos os meios dominar suas terras.

Com um enorme poder de sedução e com o dinheiro proveniente do tráfico de escravizados, os representantes europeus faziam alianças com os soberanos dos países africanos, com chefes tradicionais de várias etnias, aumentando o número de escravizados com o passar dos anos. Foi assim no reino de Dahomey, no Loango, no Ngoyo e no Congo.

Para capturar mais negros e negras, a fim de escravizá-los, em 1558, o português Paulo Dias de Novais fundou a cidade de Assunção de Luanda, que depois se tornou a capital de Angola, com um forte a protegê-la.

A região era o reinado de Ngola Kiluanji, rei dos Mbundus, no território Ndongo, pai da futura guerreira e rainha Ngola Ann Nzinga Mbandi Kiluanji. Ngola Kiluanji resistiu à ocupação portuguesa até a sua morte em 1617, quando foi sucedida por Ngola Mbandi, meio irmão de Nzinga. Nzinga chegou a ter seu marido morto por seu irmão, que desejava evitar concorrência. Ela mandou, então, matar o irmão e se apropriou do trono, governando o Reino até sua morte, com então 83 anos. Era uma guerreira digna de nomear qualquer grupo e mais ainda, um que tenha como propósito de ser um lugar de resistência cultural. Depois da escolha do nome do coletivo, foi juntar os conceitos *arte, educação e cultura* e criar o logotipo que foi desenhado pela Lisie Alves Xavier, minha filha - que já delineava um traço próprio e um pendor pelas artes plásticas.

Um exposição inusitada

Produzimos uma máscara gigante para tantas pequeninas mãos. E logo no início de maio ela estava na parede, junto com as fotos dos artistas. *Cavucamos* o chão para por os esteios que sustentavam as tábuas, sobre as quais as máscaras foram apoiadas. Os familiares encheram a rua e a calçada de casa e para a maioria foi algo inédito: pegar e tocar uma obra de arte; ainda mais uma obra produzida pelas crianças. Vieram acadêmicos e admiradores, mas a maioria era gente do bairro passeando de bicicleta pelo meio das peças, cuidadas com esmero pelas crianças preocupadas em descortinar nossa Futungo (obra coletiva) que tomava uma boa parte do muro alto, ornado com as folhas das bananeiras e os galhos do abacateiro, que havia acolhido em sua sombra nossos trabalhos de meses a fio.

A exposição durou todo o mês de maio de 2009, com toda gente cuidando de tirar as peças da chuva, quando ela vinha. Eu trabalhava fora e deixava as peças no tempo para quem quisesse apreciar. Aos finais de semana a gente festejava com macarrão ou arroz

[7/23]

temperado admirando nossa ousadia, olhando para as máscaras e logo produzindo mais peças. O texto sobre os Yorubás, Lubas e Makondes foram apreciados e muitos termos de nossa ancestralidade passaram a compor o vocabulário das crianças, agora também preocupadas com qual peça produzir e também se a melhor tinta era a de tecido ou a plástica, além do tipo de pincel mais adequado para traços ou pintura cheia.

Esta primeira exposição custou R\$409,25 e rendeu uma enorme alegria, permitindo a muitas crianças sonharem com uma vida diferente, com a possibilidade real de serem artistas, opção até então distante de suas vidas.

Compondo um projeto de Arte afro-brasileira, africana e da diáspora africana

Após essa experiência, tive acesso ao edital da Fundação Cultural Palmares³ para comemorar 20 de novembro: era oferecido um Prêmio de 20 mil reais e logo no primeiro momento percebi que nós nos enquadrávamos nas exigências. O valor parecia absurdamente grande e acreditei que era possível não só mudar a cidade, mas mudar o mundo com tanto dinheiro.

Quase decorei o edital antes de começar a colocar no papel o que poderíamos fazer. Desde o início tive a colaboração do então doutorando em geografia da FCT/UNESP Antônio Elísio Sobreira, me incentivando para redigir a proposta e fazendo as revisões do Projeto. Foi uma proposta produzida com esmero, buscando ser absolutamente sincera em suas proposições e na narração e documentação do que já tínhamos realizado. Sem poder possuir uma máquina digital, eu emprestava a máquina do curso de Pedagogia para registrar nossos eventos - e mesmo com essa dificuldade, conseguimos muitos registros fotográficos do nosso trabalho. Como elaboramos a proposta de acordo com uma demanda real e com um

³ O Edital era o Seleção Pública para Apoio a Projetos Culturais – Edital de Idéias Criativas para 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra 2009. O projeto deveria prever ações durante todo o mês de novembro em pelo menos uma das seguintes expressões artísticas e sociais: teatro, dança, literatura, música, cinema, moda, design, artesanato, culinária, formação cultural, ou seminários com temas políticos e sociais voltadas à questão negra e afro-brasileira. As atividades deveriam trazer também, como inspiração, a Diáspora africana no Brasil e o III Festival Mundial de Artes Negras - o FESMAN. O tema "Renascimento Africano - FESMAN" foi para enfatizar a influência africana na sociedade brasileira, em especial, das nações vindas das ilhas do Golfo da Guiné, de Angola, Moçambique, Costa do Marfim, Costa da Malagueta, Serra Leoa; Gâmbia, Nigéria, Libéria, Congo, Bissau. Povos de tradição milenar que foram escravizados no Brasil, o que constituiu num dos principais eixos da formação cultural brasileira. O compromisso foi o de concentrar esforços para promover a retomada da herança do negro na formação da sociedade brasileira.

Já o Festival Mundial de Artes Negras - FESMAN - homenageou o Brasil em sua terceira edição, acontecida em 2010. O evento abordou vários temas, como arquitetura, arte antiga, artesanato, arte contemporânea, cinema, dança, culturas urbanas, design, literatura, moda, música e teatro. A Fundação Cultural Palmares não cumpriu a promessa de que todos os premiados e premiadas iriam para o FESMAN e também não divulgou quais foram os novos critérios para compor a equipe que representou o Brasil no Festival.

custo real de nossas necessidades foi possível aproximar muito do custo do que pretendíamos realizar.

Nossa proposta para a Fundação Cultural Palmares, nomeada “Mama África – Erê Brasil: a Arte que nos une”, tinha os seguintes objetivos específicos:

1. Dar continuidade à implementação e circulação das sacolas culturais;
2. Realizar uma exposição itinerante em Presidente Prudente (na EMEIF “Vilma Alvarez Gonçalvez” e CRAS – Centro de Referência em Assistência Social do Cambuci), no mês de novembro de 2009, das peças inspiradas nas seguintes etnias africanas: Attie, Makonde, Iorubá, Lwueña, Bakongo, Igbo, Kwele, Senúfo e complexo Dan, além de bonecas inspiradas nas etnias: Xhosa, Zulu, Ntwana, Ashanti e Ndebele;
3. Realizar oficinas de arte afro-brasileira com papel-machê para pessoas da comunidade:
 - 3.1 Produzir máscaras étnicas;
 - 3.2 Produzir bonecas étnicas;
 - 3.3. Executar uma estátua em tamanho natural de Zumbi.

Detalhamos cada uma das atividades, orçando cada item por mais insignificante que pudesse parecer seu valor, para poder executar a proposta depois. A lei 10.639/2003, que tornou obrigatória o estudo da história da África e dos Afro-brasileiros no currículo oficial estava no centro do mote de solicitação do edital e não tivemos dificuldade para descrever as atividades que já tínhamos proposto e alguns resultados nos processos de formação.

Mesmo com todo detalhamento, era também necessário juntar muitos anexos para provar nossa capacidade de executar a proposta. Eram 12 prêmios para todo o Brasil e logo vi que haviam sido mais de 300 inscrições, com uma grande ocorrência de inscrições da região sudeste.

Em outubro saiu o resultado e nosso trabalho tinha obtido classificação entre todos os inscritos. Foi uma loucura entre as instituições prudentinas. Uma demanda reprimida pela ausência de trabalhos sistematizados com as questões de aplicabilidade da Lei 10.639/2003 e da elaboração de conselhos da igualdade racial veio à tona. Também, para alguns grupos, o Prêmio era enorme. Eu que, na ocasião, já estava compondo a comissão que organizava a Conferência Municipal de Cultura, comecei a receber convites para vários outros eventos, tendo também que dar continuidade às ações do coletivo que precisava preparar a execução de tudo que havia sido proposto no edital.

Iniciado novembro, nada do dinheiro que ficou de estar na conta ainda em outubro. Dia 02 de novembro, feriado nacional de finados, com as bênçãos de nossos ancestrais,

[9/23]

começamos o curso de máscara étnicas, cobrindo o sol forte da região com pedaços de *TNT* azul, o que deu à atmosfera do quintal um ar de mocambo. As inscrições foram feitas defronte o mercadinho do bairro e havia muitas crianças, pessoas adultas da comunidade e os 11 monitores dos 13 contratados. Um deles fazia a parte gráfica e o outro o Projeto da Estátua de Zumbi.

Todos os dias eu monitorava a conta bancária e nada do dinheiro, que chegou somente no dia 16 de novembro (5 eventos após e muito dinheiro emprestado dos amigos). A proposta só pode continuar sendo implementada porque a base de nossas peças era com material reaproveitado. Combinamos que os monitores/as teriam os passes de ônibus para chegar ao bairro, alimentação e tivemos que arcar com as despesas mesmo quando estavam na escola.

Foram muitos pedidos extras para palestras e exposições em outros locais da cidade. Às palestras pudemos atender, mas ainda não tínhamos peças suficientes para expor em mais de um local. Planejamos comprar ou alugar um espaço, pois a calçada já não comportava tanta criança e adultos. Mesmo o quintal e a minha casa, com apenas um banheiro não podia receber tantas demandas. Ao final do mês ficamos com um prejuízo de R\$2.735,00, uma demanda de 120 crianças para atender, mais nenhum monitor além da gente da família, um conselho para implementar, muitos convites para exposições e palestras (como voluntária) e mais nenhuma possibilidade de recursos financeiros a curto prazo.

Foi então que paramos tudo, com exceção das sacolas culturais (que, já prontas, podiam continuar circulando) e a exibição de alguns filmes.

Uma sede para o Nzinga Afrobrasil

Com um endereço virtual e um *blog* nós partimos logo no início de 2010, para conseguirmos uma sede para o grupo. As casas para aluguel são raras no bairro e os barracões têm um aluguel proibitivo. Então tivemos a grata surpresa de vagar uma casa bem ao lado da nossa: caindo aos pedaços e com muitas reformas para ser habitável. Nossa estátua de Zumbi (em papietagem e papel-machê) permanecia em pé mesmo tomando chuva e sol, perdendo aos poucos a pintura vistosa que fizera o sucesso de nossas exposições.

Fechado o contrato de aluguel (que assumi, pois não conseguimos oficializar o coletivo), com a ajuda de alguns estudantes da FCT/UNESP, fomos reformando a nossa sede:

a rede de água estava comprometida, a eletricidade em curto, chovia dentro, não tinha calçamento nem dentro, nem fora do quintal; mas era a nossa sede. Em breve fizemos um convênio com a SAP – Secretaria de Administração Penitenciária e recebemos alguns rapazes para cumprir penas alternativas e esses rapazes, mesmo com todos os problemas com drogas e alcoolismo, ajudaram muito na reforma e até na construção de uma área coberta fora da casa.

Em 21 de agosto de 2010 inauguramos, com cortejo festivo pelo bairro.

Sacolas culturais afrobrasileiras: um centro de leitura dentro de casa

Depois de muito dialogar com várias pessoas que já atuam em projetos culturais e participar do 17º. COLE – Congresso de Leitura do Brasil, na UNICAMP, em julho de 2009, assisti a comunicação das professoras da Educação Infantil de Campinas, Sidinéia Ferreira Lopes e Cassia Arlete Tossini da Costa, na sessão 4 do Tema: Políticas Públicas em Leitura. As duas professoras narraram sobre 2 sacolas de leitura que circulavam entre as famílias das crianças de suas turmas do Pré, onde elas também haviam detectado as poucas experiências leitoras que estas crianças realizavam em casa, além de pouca qualidade e variedade destas leituras. As professoras decidiram, então, enviar contos em trechos para a família das crianças até chegarem a enviar a sacola com livros e revistas. O projeto deu tão certo que muitos familiares começaram a pedir livros extras para continuarem a ler.

Também buscávamos uma maneira de ampliar o universo leitor das pessoas do bairro onde atuamos, mas cada ideia necessitava do trabalho de pessoas que ainda não tínhamos formado. Decidi então fazer uma provocação: escolhi autores e autoras que nos pareciam muito diferentes daqueles que compõem o universo das pessoas das classes mais excluídas de nosso município e compus as 10 primeiras sacolas culturais que circularam em 2009 e 2010 no bairro e, na EMEIF “Profª. Vilma Alvarez Gonçalves”, a escola mais próxima, também em Cambuci, entre as professoras da escola.

Para confeccionar os invólucros desses conteúdos, propus às mulheres da associação de aposentadas do Banco do Brasil a confecção de 10 sacolas, customizadas com o logotipo do Nzinga, agora já digitalizado, - e que compõe uma bonita identidade visual para o grupo. Foi este o conteúdo das 10 primeiras sacolas:

Quadro 1: Composição de 10 Sacolas culturais afro-brasileiras

Conteúdo/Título livros	Revista Caros Amigos*	CD	DVD	PEÇA ÉTNICA	Revista Raça Brasil
------------------------	-----------------------	----	-----	-------------	---------------------

[11/23]

1. Pequeno Manual de monstros caseiros Stanislav Marijanovic 2. Educação e relações raciais – documento 1	Aquecimento global	Miles Davis	Cyberchange Segredos da geometria	Boneca Ndebele da África do Sul	128 – dez 2008
1. Ciça – Neusa J. Possatti 2. De não em não – Bartolomeu de Campos Queirós 2	Tião Rocha: prêmio empreendedor social	Jorge Aragão	Pingu em família	ânfora	108 – março de 2007
1. Zumbi: o pequeno guerreiro – Kayodê - Edmilson Reis 2. Contos africanos para crianças brasileiras Rogério Barbosa - Maurício Veneza 3	Tráfico de Mulheres <i>Made in Brazil</i>	Barlavento – O Buraco de Maroca	Cocoricó: meu primo João	Boneca Ntwana – África do sul	Raça 83 (Fundo de quintal/ Dona Ivone Lara)
1. O colecionador de pedras - Prisca Agustoni e André Neves 2. Tô pedindo trabalho Terezinha Alvarenga e Igor 4	É a vez da China	Milton Nascimento	Tymothy vai à escola – aprendendo entre amigos	Pintura em batique de Uganda	Raça 127 Barack Obama
1. Ulomma – A Casa da beleza e outros contos Sunny e Denise Nascimento 2. Benedito – Hugo e Douglas Barzon 5	Cuba, Sempre	Djavan CD Bis	Pingu Novas amizades	Ibejes Yorubá	130 – março 2009
1. Turma da Mônica Jovem 2. Nova Escola 213/2008 6	Pós-humano Especial Novas Tecnologias	Ni dancu em La rondo – canções infantis em Espe Ranto	1000 trutas 1000 tretas Racionais Mcs em DVD	Cabuletê	135 – agosto 2009
1. Os sete romances – um conto de Kwanzaa – Ângela Shelf 2. As cocadas Cora Coralina 7	PM e a política de extermínio de jovens da periferia	Nina Simone	Silêncios sentidos	Peça Ashanti -	133 – junho 2009
1. Os reizinhos de congo- Denílson de Almeida/ Graça Lima 2. Ciganos- Bartolomeu Campos de Queirós 8	Conceição Tavares, a grande economista	Jovelina Pérola Negra	Os 7 mostrinhos As aventuras de 3 e 4	Oxé de Xangô	134 – julho 2009
1. Bruna e a galinha d’ Angola – Gercilga de Almeida / Valéria Saraiva 2. Flicts - Ziraldo 9	Especial Caros amigos “Os negros” fascículo 4: Brincar de bonecas: o negócio das irmãs Venâncio	Billie Holiday	Quadra fechada	Quadro em papel machê com “A Galinha d’ Angola de toquinho e Vinicius de Moraes	Livreto da Secretaria Da identidade e da diversidade Cultural do MinC
1. Lendas de Exu – Adilson Martins 10	Fórum Social Mundial – ano 12	Clara Nunes	Michael Jackson <i>Bad in Japan</i> em DVD	Touca rastafári	Revista Sexto Sentido: o poder dos orixás

*Título da matéria de capa da revista

O custo das 10 sacolas com materiais originais chegou a R\$1.500,00 e para aumentar o número de sacolas era necessário mais recursos do que o podíamos conseguir com doações. Respondi, então, o edital da FUNARTE – Fundação Nacional das Artes – MinC em 2010 e novamente fui contemplada, agora para implementar o Projeto das Sacolas Culturais em 3 “Territórios da Cidadania:”⁴ em Presidente Prudente, Almeirim/Pa (margem do Amazonas) e Paracatu/ MG (noroeste). O recurso chegou no final de dezembro para iniciar a execução no início de 2011. Dessa feita, fizemos um planejamento detalhado, mas com algumas folgas para não ficar com prejuízo ao final da execução da proposta que deveria ser implementada em 6 meses. Conseguimos elaborar mais 50 sacolas culturais, agora com revistas variadas como Cult, Fórum, FFWMag; CDs e DVDs adquiridos em vários locais do Brasil como Salvador, Belém do Pará, São Paulo e peças artísticas também de vários grupos étnicos brasileiros como kaiapós, guajajaras, asurinís, etc. Também adquirimos pretos-velhos, mães-marias e figuras emblemáticas da umbanda e candomblé relacionado a cultura presente nas mais diversas religiões para compor as sacolas culturais.

Cinema com pipoca

Com parte do recurso da Bolsa FUNARTE de Circulação Literária adquirimos uma TV de 40” e um *home-theater* para começarmos as sessões de cinema de forma sistematizada. Nas primeiras sessões montávamos o equipamento na área externa do coletivo para permitir a participação de mais pessoas. Logo descobrimos que nossa maior demanda era mesmo das crianças. Sempre tínhamos pipoca nos nossos eventos e então acordamos de servir pipoca, suco ou refrigerante nas sessões. Muitas pessoas ficavam inibidas, mas ao descobrir que era tudo gratuito começaram a pedir pipoca, mesmo que não quisessem ver o filme. Já em julho deixamos de levar o equipamento para a área, evitando montar e desmontar os equipamentos, repetindo a sessão quando o filme era muito requisitado.

O cartaz da sessão é impresso no tipo 22 é afixado no mercadinho, na escola, no CRAS do bairro e no muro do Nzinga, com o logo e endereço do coletivo. Desde então já exibimos mais de 60 títulos diferentes e nosso maior sucesso é, sem dúvida *Kirikú e a*

⁴ O Programa Territórios da Cidadania foi lançado em 2008, com o objetivo de diminuir as desigualdades no meio rural, construindo uma política de desenvolvimento sustentável conjunta: governos municipais, estaduais e a esfera federal. Em 2009 o número de Territórios atendidos aumentou de 60 para 120, em todo o Brasil. O número de Ministérios envolvidos também subiu de 19 para 22, agora também objetivando atingir a população urbana desses territórios.

Feiticeira, que também compõe 3 Sacolas culturais: uma de Presidente Prudente, uma de Almeirim e outra em Paracatu/MG.

Quadro 2: Exemplo real de uma Programação Mensal:

Programação sessão de cinema julho de 2011	
Horário: 19h30min (sete e meia da noite)	
02 de julho	– <i>Kirikú e a feiticeira</i> (desenho que narra a história de um menino africano que nasce falando para salvar sua aldeia da opressão de uma feiticeira).
09 de julho	– <i>Grafite; a arte das ruas</i> . Com as participações de Binho, Ciro, Presto, Funk, Titi, Spoze (EUA), Marone, ABC (Chile), Neto e Marimeks.
16 de julho	– <i>The Best of Black I</i> – Show de Rap com ICE-T, L.L. Cool J., Run DMC, Slick Rik e Big Markie
23 de julho	– Excepcionalmente não haverá sessão de cinema.
30 de julho	– <i>Rugrats crescidos</i> – Feliz dia dos namorados – Desenho animado

Sistematização do curso de máscaras étnicas

Sem sombra de dúvidas, a confecção das máscaras étnicas tem sido a oficina mais solicitada. As máscaras são objeto de desejo de muita gente que se interessa pela cultura africana e também pelas artes plásticas em geral. Agentes de admiração e muitas vezes de medo do inusitado, as máscaras permitem uma mediação na fala, nos gestos falhos, no racismo que ainda impera nas instituições.

As máscaras Egbo Ekoi usam muitos elementos naturais como peles de animais, dentes naturais de pessoas e animais, além das tinturas coletadas na natureza, em folhas e cascas de árvores. Algumas possuem um aspecto assustador, pois dialogam com um mundo espiritual vivenciado no escuro da noite, ao som de tambores, pios de bichos da floresta e as histórias da tradição contadas para provocar medo. O desconhecimento e o racismo colocam na máscara, pelas pessoas do ocidente, um tipo de medo profundo que tem sido alimentado pelo racismo e desconhecimento das culturas africanas, o que intensifica o racismo subreptício brasileiro.

Os povos Ekoi são da região de *Cross River* no sudeste da Nigéria e Camarões, onde existem várias etnias, entre elas o Ejagham. A mais velha sociedade secreta do Cross River pode ser a sociedade masculina Ngbe do povo Ejagham ou Ekoi. Na sua língua, *Ngbe*

significa "leopardo." O culto do leopardo tinha um efeito unificador sobre as comunidades dispersas de *Cross River*. Comércio, rituais e trocas sociais aconteceram por causa desse ritual; assim, contornaram as desvantagens de um regime não-centralizado e as instituições políticas que muitas vezes não se estendiam para além do quadro da aldeia.

Com exceção da limpeza das florestas, o trabalho agrícola dos Ejagham é tradicionalmente feito por mulheres. Os homens ficam livres para se concentrar na caça e nas artes da guerra. Significou também que os homens tinham tempo para o lazer e elaboração da arte. Eles combinaram uma dedicação pelo físico e a auto-realização física na caça, com um amor de realização artística. Homens e mulheres teciam pano de ráfia em tear vertical; homens e mulheres dedicando tempo e carinho para a elaboração do penteado, pintura corporal e vestimentas. O povos Ekoi (Anyang, Boki, Ejagham, Keaka e Yako) são mais conhecidos por seus grandes penteados, a pele coberta de máscaras, que podem ter um, dois ou até três rostos, e seus cocares que representam uma cabeça ou uma figura inteira. Suas cabeças são cobertas por máscaras-capacete e as peles pintadas são únicas em África.

No começo, cobriam-se as máscaras com peles de escravos sacrificados, mais tarde, peles de antílopes foram utilizadas. A rede comercial elaborada ao longo do rio anteriormente envolvia a venda de direitos de *Ngbe* e outras associações, incluindo o direito de usar as suas máscaras. O grupo de vendedores dos direitos realizava o baile de máscaras na aldeia do grupo comprador: em seguida, voltando para casa, deixava as suas máscaras e fantasias para trás. O comércio fluvial, assim, ajudou a difundir eventos relacionados à arte e objetos de arte, entre diversas pessoas em uma área ampla, apesar de mudanças na forma e significado acontecendo fora dos locais onde máscaras e fantasias foram feitas. Máscaras de sociedades secretas aparecem em performances de dançarinos em funerais, iniciações de novos membros, eventos agrícolas e outros. Dois tipos de máscaras dominam: as máscaras-capacete e máscaras crista. A máscara-capacete cobre toda a cabeça até chegar aos ombros. Quando a máscara é feita de pele de animal fresca, é esticada e pregada sobre a madeira macia de que é esculpida. Depois que a pele seca, era manchada com pigmentos feitos a partir de folhas e cascas. Algumas máscaras não cobrem a cabeça, mas são usadas em cima dela.

Produzi uma máscara de inspiração Ekoi e utilizei dentes humanos cedidos pela minha dentista e dentes de uma cachorra muito querida, que morrera um ano antes. Cuidei do processo de desinfecção e preservação do material antes de usar na máscara. Com ela é possível desvelar uma série de preconceitos e racismos durante as exposições e cursos; assim como as máscaras Bacongo (estilo congo) que possuem pregos, pedaços de espelhos e

materiais utilizados em rituais. Logo vem a pergunta se é *vudu* (com toda carga de preconceito e desconhecimento que o termo carrega).

Os argumentos para falar da cultura afro-brasileira e africana precisam ser consistentes e a comparação com os rituais dos pregos para cura de bronquite, asma e doenças respiratórias; assim como o uso de patoás e benzimentos tornam o entendimento mais acessível. O curso de máscara, por experiência, necessita estar ligado às máscaras étnicas já prontas, com suas fichas descritivas, mapas de localização da etnia africana e comparações com a cultura ocidental. É nessa hora que a obra de Pablo Picasso, Paul Klee, Emil Nolde, Alberto Giacometti e Russolo fazem a diferença. Consegui adquirir livros de arte que acompanham a exposição. Artigos acadêmicos e de revistas especializadas ilustradas também ajudam muito.

Preparei uma apostila com a parte das técnicas utilizadas na confecção de máscaras étnicas e um CD rom com muitas imagens das etnias originais e também com as máscaras confeccionadas a partir das originais africanas, já com algumas releituras de etnias definidas ou mesmo da junção de mais de uma etnia ou síntese de estéticas de povos diferentes. O trabalho prático com as máscaras tem sido fundamental no desvelamento e compreensão dos processos discriminatórios e de onde pode ficar escondido o racismo. Desvelado o racismo, a pessoa desmonta e a gente precisa ficar atenta para não transformar o racista em um intolerante ou fanático, quando não em nazista. Para tanto é preciso ter material e propostas educativas já organizadas.

Quadro 3: Onze propostas de trabalho com a cultura afro-brasileira

NOME DA OFICINA	SINOPSE
1.Máscaras étnicas	A oficina é mais prática que o curso, com aulas teóricas introdutórias visando contextualizar a História da África; a riqueza cultural africana que compõe o mosaico brasileiro e o aprendizado de técnicas que possibilitem a confecção de máscaras étnicas inspiradas em etnias africanas e na cultura afro-brasileira como Attie, Bacongo Bijagó, Chokwe, Lwena, Kota, Marka, Yorubá, etc. Cada participante sai com 2 máscaras prontas.
2.Bonecas étnicas	Esta oficina é baseada na arte de costurar com as mais diversas técnicas para confeccionar bonequinhas inspiradas em originais africanas e indígenas brasileiras usando miçangas, papel, fibras naturais, linhas, sobras de retalhos possibilitando a criação de um acervo mínimo para desmitificar a cultura africana com a mediação afetiva das bonecas confeccionadas como as Zulus, Ndebele, Himba, Ntwana, Xhosa, Karajá, etc. Cada participante sai com 4 bonecas prontas.
3.Sacolas culturais afro-brasileiras	São kits circulantes, preferencialmente para grupos organizados em 10 pessoas que contém: livros de literatura (afro-brasileira, africana, da diáspora africana ou brasileira), revistas diferenciadas, CD, DVD, peça étnica, caderno customizado, sacola-invólucro customizada. Ex.: 1 kit: Literatura 1. <i>Menino chuva na rua do sol</i> – André Neves (texto e ilustrações) – Ed. Paulinas

[16/23]

	<p>2. <i>A lenda do Guaraná</i> - Martins Dagostim e Rosana Rios – Ed. Fênix;</p> <p>Revistas: 1. <i>Retrato do Brasil- O pré-sal é nosso?</i> e 2. <i>Cult -Mídia e Poder</i>; CD <i>Gal canta Caymmi</i>; DVD <i>Dreams Colleticons Special</i> : Al Green, Stivie Wonder e Earth, Wind & Fire; Peça étnica: Obra inspirada na etnia Teke do Congo/Gabão e <i>Revista Raça Brasil</i>.</p>
4. Yae fun: Pintura cultural afro-brasileira	<p>Esta oficina possibilita o uso de tintas coloridas em tons fortes e contrastantes para compor quadrados pintados que poderão ser utilitários em porta-retratos, customização de capas de caderno, agendas e até roupas e sacolas. Sua base é o uso de papel Paraná e tinta acrílica. Desenhos étnicos significativos inspirados na cultura afro-brasileira, principalmente na obra de Rubem Valentim, na pintura das mulheres Ndebeles, além da inspiração com os tecidos étnicos.</p>
5. Porta <i>pen-drive</i>	<p>A habilidade exigida é saber fazer crochê, pois são usados vários pontos na confecção desse útil protetor. O invólucro para os <i>pen-drives</i> evitam que se perca o material. A sugestão é que se utilize as 4 cores do continente africano: preto, vermelho, verde e amarelo ou as simbologias compiladas por José de Guimarães - africanista e artista plástico.</p>
6. Roupas e turbantes afro	<p>Esta oficina utiliza uma variedade de tecidos étnicos, sejam estampados ou unicor para compor um visual bacana. Possibilita uma identidade étnica e também oferece possibilidade para o período de tratamento quimioterápico, melhorando a auto-estima das mulheres. É importante auxiliar nas propostas de implementação da lei 10.639/2003 (que tornou obrigatório o ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira no Currículo Escolar). Para o trabalho na escola faremos vestimentas de bonequinhas enfatizando e discutindo seu valor pedagógico.</p>
7. Teatro do Oprimido segundo Augusto Boal	<p>Esta oficina é coordenada em dupla e seu objetivo é usar os métodos de Augusto Boal, trabalhando com alongamentos metálicos e físicos.</p> <p>Descobrimos através das Técnicas Teatrais quem faz papel de Oprimido e Opressor em nossa sociedade, e porque temos esse papel, levando momentos de opressão de nosso dia a dia para o teatro, soluções para problemas de discriminação, preconceito, violência e etc. Trilhas sonoras, roteiros, marcações, figurinos e falas são criadas pelos cursistas, com a assistência das coordenadoras. O ideal é que o grupo possua uma base de sustentação no local e educadoras e educadores participem juntos, para que a monitoria continue após a oficina.</p>
8. Oficina Afro com Carimbos	<p>O uso de carimbos é a base da ilustração da literatura de cordel, assim como da escrita rápida.</p> <p>Este trabalho facilita muito o trabalho com as crianças muito pequenas, que ainda não possuem coordenação motora para pintar livremente, conseguindo um resultado encorajador. Apresenta uma série de exemplos das possibilidades do uso do carimbo no cotidiano escolar e na decoração doméstica. Também sugere ideias para decoração de vitrines variadas para o comércio e <i>hall</i> de entrada de instituições e escritórios. Mesmo pessoas que ainda não exercitaram seus pendores artísticos podem fazer a oficina. É particularmente acessível para pessoas com baixa visão, cegos, cadeirantes e portadoras de outras necessidades especiais.</p>
9. Fanzine da Igualdade Racial	<p>O tema da Igualdade Racial existe no Brasil há pouco tempo, mas os motivos para seu intenso estudo e reivindicação nasceu com o tratamento diferenciado em relação aos escravizados, que ainda não foram assumidos como tema essencial na sociedade brasileira. A primeira escravizada que se revoltou, o primeiro quilombo construído no Brasil fazem parte desse tema, que também está intimamente ligado com a Lei 10.639/2003.</p> <p>Já o fanzine é um meio de comunicação muito eficaz na transmissão de temáticas que são desprezadas pela grande imprensa e até pelas publicações oficiais. O fanzine também ajuda muito na divulgação em comunidades onde não existe rádio comunitária, nem um jornal de bairro que permita a livre circulação de informações. Mesmo com todas as características de liberdade, o fanzine pode ser veículo de excelentes profissionais de desenhos, da comunicação, da liberdade de, com o uso de pseudônimos se veicular o que pensa, sem sofrer punições. Há aficionados por fanzines que estudam profundamente a matéria e possuem coleções maravilhosas, com exemplares raros.</p>
10. Bonecas e chaveiros para a inclusão	<p>Esta oficina de bonecas tem o objetivo de confeccionar peças que tragam na sua variedade as diferenças culturais e algumas apresentações estéticas dos povos que compõem o mosaico cultural brasileiro: pretas, marrons, vermelhas, indígenas e qualquer criatura que a imaginação e a habilidade manual for capaz de produzir.</p> <p>Também possibilita que pessoas ou coletivos que trabalhem em projetos sociais construam uma modalidade de artesanato que ajuda muito na sua manutenção. As bonecas podem ser</p>

	comercializadas por um preço acessível (de 5 a 10 reais); cada pessoa pode fazer a etapa que mais construiu habilidade, incluindo as crianças que ajudam em algumas etapas.
11.Adinkra	Esta oficina objetiva estudar e confeccionar a SIMBOLOGIA ADINKRA que está entre as manifestações culturais da nação Ashanti, destacando-se o estampado adinkra. Encontra-se também entre o povo Gyaman, da Costa do Marfim. Adinkras são símbolos que representam provérbios e aforismos. É uma linguagem de ideogramas impressos, em padrões repetidos, sobre um tecido de algodão, bolsas; e na cultura ocidental ornamenta os mais variados objetos.

Considerações finais

No final de 2012 houve a possibilidade de solicitar a nossa participação em mais um edital, nesse caso, específico para agentes culturais negros e negras, já publicado pela FUNARTE. Conseguimos manter as sessões de cinema, um calendário de festas e muitas participações em eventos nas escolas da região; além de convites para expor em várias universidades.

No final de 2011, criamos um produto: a bonequinha Nzinga; confeccionada com sobras de tecidos, contas e tinta relevo. As bonequinhas tem sido nossa principal fonte de financiamento, pagando o aluguel, água, luz, telefone e também auxiliando a compra do milho de pipoca, óleo, sucos e refrigerantes que são servidos durante as sessões de cinema. Todas as atividades promovidas pelo Nzinga são gratuitas para o público. Tivemos já contratos para formação de professoras/es da rede pública municipal e cursos de arte afro-brasileira com o SESC e Oficina Cultural do Estado de São Paulo.

Ainda que não tenhamos conseguido ainda solicitar um CNPJ oficializando o coletivo e transformando-o em ONG, fizemos uma parceria, em 2012 com os APNs – Agentes de Pastoral Negros para nacionalizar algumas ações que já temos condições de implementar: são poucos os Mocambos APNs no Brasil que possuem sede própria e que contam com processos formativos sistematizados ao longo do ano.

Também temos participado do processo de políticas públicas no âmbito municipal e nacional, participando de várias conferências para propor e defender políticas públicas de Estado no tocante à cultura afro-brasileira. A compra de livros para pesquisa, literatura afro, CDs e DVDs fez com que o Mocambo Nzinga tenha a biblioteca mais implementada sobre a temática em Presidente Prudente e região, recebendo por isso, muitos estudantes dos diversos cursos de licenciatura ou bacharelado das 4 universidades prudentinas. O Mocambo Nzinga Afrobrasil – Arte – Educação e Cultura tornou-se referência do estudo comprometido e sério sobre a temática e este fato é aval para continuarmos um processo de oficialização e acordos para os próximos anos.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Manoel (curador). *Guia de Visita ao Museu Afro-Brasil*. São Paulo, 2006.
- ARAÚJO, Manoel (curador). *África e africanias de José de Guimarães – espíritos e universos cruzados*: exposição de 2006, edição do livro: 2011(?). Museu AfroBrasil: São Paulo.
- ARAÚJO, Manoel (curador). *Bijagós: A arte dos povos da Guiné-Bissau*. Museu AfroBrasil: São Paulo, 2008.
- ARAÚJO, Manoel (curador). *Mestre Didi – o escultor do sagrado – Deoscoredes Maximiliano dos Santos*. Museu AfroBrasil: São Paulo, 2009.
- ARAÚJO, Manoel & JOLLY, André. (curadores). *África ancestral e contemporânea As artes do Benin*. Museu AfroBrasil: São Paulo, 2011.
- ARDAILLON, Danielle. *A criação de um tesouro para estudos de gênero*. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, nº 97, p. 73-78, mai. 1996.
- ASSOCIAÇÃO FRIDA KAHLO e Articulação Política de Juventudes Negras. *Somos todas rainhas*. São Paulo: 2011.
- BARBOSA, Márcio & RIBEIRO, Esmeralda. *Bailes soul, samba-rock, hip hop e identidade em São Paulo*. São Paulo: Quilombohoje, 2007.
- BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). *Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: CEERT, 2011.
- BOTÃO, Renato Ubirajara dos Santos. *Para além da negocracia*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFC/UNESP, Marília para obtenção do título de Mestre. Orientadora: Prof^ª Dr^ª Claude Lépine, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) *Repensando a pesquisa participante*. Brasiliense: São Paulo, 1999. p. 131-157.
- BRASIL/MDS. *Alimento: Direito Sagrado – Pesquisa socioeconômica e cultural de povos e comunidades tradicionais de terreiros*. MDS, 2011.
- BRASIL/MEC/SECAD. *Orientações e ações para a Educação das relações étnico-raciais*. SECAD, 2006.
- BRASIL/SEPPPIR. *Racismo como determinante de saúde*. Brasília, SPAA/SEPPPIR, 2011.
- BRUSHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*. Fundação Carlos Chagas/ ed. 34, São Paulo, 1998.
- CARVALHO, Marília Pinto de Carvalho. *No coração da sala de aula - Gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. Xamã, São Paulo, 1999.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e anti-racismo na educação - repensando nossa escola*. Selo Negro, São Paulo, 2001.

CÉSAIRE, Aimé & MOORE, Carlos (org.). *Discurso sobre a Negritude*. Nandyala, Belo Horizonte, 2010.

CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. 2º Seminário “Desafios das Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial” anais. CEERT/SECAD:2004/2005. Livro e CDRoom.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. Perseu Abramo, São Paulo, 2000.

CONDE, Reynaldo Alves dos Santos. *Coletâneas de pinturas, grafites, poesias e esculturas*. Concepção editorial: Matheus Subverso e Allan da Rosa. São Paulo: Toró, 2008. Disponível para *downloads* gratuito no site: www.edicoestoro.com.br .

COPENE V. Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negro/as: Anais. *Pensamento negro e anti-racismo: diferenciações e percursos*. ABPN...: Goiás, 2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Eunice Albergaria Rocha & Luci Magalhães. Juiz de Fora: EFJF, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007, 2ª edição.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano - entre a linguagem e o gozo*. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara: Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

FREIRE, Paulo & HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando - Conversas sobre educação e mudança social*. Vozes, Rio de Janeiro, 2002, 3ª edição.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido: Paz e Terra*. São Paulo, 1999, 27ª edição.

FRENETTE, Marco. *Preto e branco – a importância da cor da pele*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000

FONSECA, Dagoberto José. *A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil*. In.: Revista pro-posições, v. 20, nº 1, p.23-44, jan/abr 2009.

FONSECA, Marcus Vinícius. *População Negra e Educação: o perfil racial das escolas mineiras no século XIX*. Mazza: Belo Horizonte, 2009.

GUERRA, Sérgio (fotógrafo). Curadoria da Exposição de Manuel Araújo. *Hereros Angola*. Museu Afrobrasil: São Paulo, 2011.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. In. Educação e Pesquisa, São Paulo: FEUSP, v. 29, nº1, p.167-182, jan/jun. 2003.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira - análise historiográfica*. In.: Revista "Educação e Pesquisa" da FE da USP, p. 79 a 91, nº31-I, jan/abr de 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito e discriminação - Queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil: 34*. São Paulo, 2004, 2ª edição.

HAMMES, Érico João. *Orientações e normas para trabalhos científicos - Conforme ABNT 2011*. Disponível em <http://www.pucrs.br/fateo/normas.pdf>, acesso em fevereiro de 2012.

IANNI, Octavio. *A metamorfose de etnia em raça*. In.: Revista "Pro-posições", p.219 a 226. Set/dez de 2003, nº 43.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. Brasiliense: São Paulo, 2004, 3ª edição revista e ampliada da edição de 1987.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África? – uma entrevista com René Holenstein*. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Pallas: Rio de Janeiro, 2006.

LAVAQUERIE-KLEIN Christiane & Paix-Rusterholtz Laurence. *Nyama – Tesouros sagrados dos povos africanos*. Tradução de Hildegard Feist. Cia das Letrinhas: São Paulo, 2010.

LAIA, Maria Aparecida (org). *Como reconhecer e como lidar com o racismo em suas diversas formas*. SMPP/CONE: São Paulo, 2012, 3ª edição.

LIMA, Erineide dos Santos. *Desafios, limites e perspectiva da Lei 10.639/2003*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/desafios-limites-e-perspectiva-da-lei-10-639-2003/43347/>, acesso em 04 de janeiro de 2012.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Autêntica: Belo Horizonte, 2006, 2ª edição.

LOPES, Nei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. Selo Negro: São Paulo, 2006.

LUDKE, Menga & André, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação - abordagens qualitativas*. EPU: São Paulo, 1986.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra História e civilizações*. Tomo II (do séc. XIX aos nossos dias) -. Trad. de Manuel Resende. EDUFBA/Casas das Áfricas: Salvador, 2011.

MEC/SECAD. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília, 2006.

MIRANDA, Claudia; AGUIAR, Francisco Lopes de & PIERRO, Maria Clara Di. *Bibliografia básica sobre relações raciais e educação*. DP&A, Rio de Janeiro, 2004.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda*. Belo Horizonte, Nandyala, 2008.

MOORE, Carlos. *O Marxismo e a questão racial – Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. Nandyala: Belo Horizonte; Cenafro: Uberlândia, 2010.

MRECH, Leny Magalhães. *Transferência e saber*. FEUSP, 1998. Texto de aula.

MUNANGA, Kabengele. "O tráfico negreiro". In. *Idéias, 27: a luta contra o racismo na rede escolar*. p. 61-67, FDE, 1995.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL/MUSEU AFROBRASIL. *Elos da Lusofonia – Exposição com curadoria de Manuel Araújo*. Museu Afrobrasil, São Paulo: 2011.

MUSEU AFROBRASIL. *Cyprien Tokoudagba o intérprete do Sagrado e dos ancestrais do antigo reino do Dahomey*. Tributo ao artista africano (1939 – 2012). São Paulo: 2012.

NASCIMENTO, Elisa Larkin & GÁ, Luiz Carlos. Orgs. *Adinkra – sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas/IPEAFRO, 2009.

NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". In: *Estúdios Feministas*. CFH/CCE/UFSC, Vol. 8, nº 19. Brasil, Santa Catarina: 2011.

NUPE – *Políticas públicas em ações afirmativas: direitos, necessidades e conquistas na diversidade*. Revista do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão. Nº 1. ano 1.

ODARA Revista NEAB/UNEAL Ano 1, vol. 1. junho/dez. Arapiraca – Universidade Estadual de Alagoas/ Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros: 2011.

PIMENTEL, Maria Raquel & outras consultoras. *Mãos de Ouro vol. V – os mais belos pontos*. Abril Cultural. São Paulo, 1972.

PINTO, Regina Pahim. "Raça e educação: uma articulação incipiente". In: *Cadernos de pesquisa: Fundação Carlos Chagas*, n. 80, p. 41-50, fev. 1992.

PIZZO, Esnider. *Picasso e o cubismo*. Trad. de Sheila Mazzolenis. Globo: São Paulo, 1997.

RAMOS, Ítalo (coord.) PIRES, Álvaro [*Et al.*] *A luta contra o racismo na rede escolar*. FDE – Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros, Série idéias nº 27, 1995.

RIEFESTAHL, Leni. *África*. Thaschen: Alemanha, 2005. (Livro de fotos)

SANTOS, Ivair Alves dos. *Direitos humanos e as práticas de racismo*. Fundação Cultural Palmares: Brasília, 2012.

SCHWARCZ, Lia Moritz. *O espetáculo das raças - cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. Cia das letras: São Paulo, 1993.

SILVA Jr., Hédio & Outros. *Políticas públicas de promoção da igualdade racial*. CEERT: São Paulo, 2010.

SILVA Jr., Hédio & BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Práticas Pedagógicas para a Igualdade Racial na Educação Infantil*. São Paulo: CEERT, 2011

SILVA Jr., Hédio; BENTO, Maria Aparecida Silva & Sílvia Pereira de Carvalho (cords.) *Educação Infantil e Práticas Promotoras da Igualdade Racial*. São Paulo: CEERT, 2012.

SILVÉRIO, Valter Roberto; PINTO, Regina Pahim⁵ & ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Relações Raciais no Brasil – Pesquisas contemporâneas*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, José Francisco & ALVES, Maria Teresa Gonzaga. *Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação*. In. . Educação e Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 29, nº1, p.147-165, jan/jun, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva & CROSO, Camila. (coord) *Igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10.639/2003*. Petrópolis/Ação Educativa/Ceafro/Ceert: São Paulo, 2007.

TEDESCO, Juan Carlos. *Educar na sociedade do conhecimento*. Tradução de Elaine Cristina Rinaldi e outras. Junqueira & Marin: Araraquara, 2006.

THIOLLENT, Michel. *Notas para o debate sobre pesquisa-ação*. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a pesquisa participante*. Brasiliense: São Paulo, 1999, p. 82-103.

UERJ. *Carta de Ouro Preto*. Programa Políticas da Cor. www.politicasdacor.net, acesso em 07/03/2007.

UNESCO/MEC. *História Geral da África II – África antiga*. Editor do volume: Gamal Moktar, Brasília: UNESCO, 2010, 2ª edição.

<http://www.zyama.com/> - Museu em Illinois/EUA.

<http://www.remnantsofritual.com/> - Arquivo da coleção Remanescentes de Rituais de David Gelbard - o livro está esgotado há anos e não foi reeditado.

NZINGA MBANDI: Representações de poder e ... in.: www.sumarios.org/sites/default/.../60086_6908.PD... acesso em 18 de dezembro de 2012.

⁵ Durante a publicação do livro, mudou-se para o andar de cima a companheira Regina Pahim Pinto, onde continua sendo acolhida no nosso Quilombo maior. * 14/04/1941 *** 22/04/2010.